

Para Simonsen, o melhor referencial da saída está numa tese de Bailey

por José Casado
de São Paulo

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen está convencido de que é preciso dar uma nova direção ao debate sobre a ampla renegociação da dívida externa brasileira, por um período superior a dez anos.

Simonsen, nesta semana, reuniu platéias selecionadas no Rio e em São Paulo para indicar aquilo que, agora, considera a vertente mais produtiva dessa discussão: "Cheguei à conclusão de que o melhor referencial para o Brasil negociar uma saída de longo prazo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos estrangeiros está no princípio da vinculação de um percentual das exportações ao pagamento do serviço da dívida brasileira".

Trata-se, na essência, de uma tese que há meses vem sendo discutida nos Estados Unidos, fomentada por Norman Bailey, um influente economista da Casa Branca, membro do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, especialista em assuntos brasileiros e reconhecido com um dos artifícios da visita que Ronald Reagan fez ao País, no ano passado, seis meses após a guerra das Malvinas.

Para Simonsen "há um grande atrativo" no âmago dessa tese, ainda que a entenda como de difícil operacionalização. "Está claro que, em termos anuais, a taxa de juros para o Brasil não pode continuar crescendo muito mais que o nível de crescimento das exportações. E para alcançarmos termos definitivos de renegociação da

dívida, isto é, equacioná-la de forma a viabilizar o crescimento da economia e o equilíbrio financeiro, teremos de obedecer a esse princípio da utilização de parte das exportações para pagamento do serviço da dívida externa."

Bailey não apenas acha factível um acerto por essa via, como se tem respaldado no caso da Iugoslávia que, há três anos, conseguiu montar um esquema de renegociação da sua dívida obedecendo a essa premissa.

Há poucas semanas ganhou um aliado, Martin Feldstein, presidente do Conselho de Assesores Econômicos da Casa Branca, que fez um vigoroso pronunciamento no Conselho de Assuntos Mundiais (CAM), em Los Angeles, afirmando: "O Brasil poderia pagar todo o seu custo dos juros com exportações adicionais equivalentes a uns 4% do PNB. Isto significaria um grande aumento relativo, em comparação com o nível atual de exportações brasileiras — um avanço de 40% —, mas só porque as exportações do Brasil representam, atualmente, um percentual relativamente pequeno de seu PNB" — diz ele, no texto que está sendo difundido pela Agência Usis.

O debate ganha o interesse de Simonsen — que meses atrás rejeitava essa tese por considerá-la inexequível — e de outros economistas como Celso Martone, da USP. Entre os empresários há os que, como Laerte Setúbal Filho, já subiram num avião e desceram em Washington especialmente para almoçar com Bailey.